

# Para longe da sombra de Hélio Oiticica

Luciano Figueiredo abre na quinta-feira mostra de peças inéditas e busca se dissociar da obra de que tanto cuidou

Luiz Fernando Vianna

luiz.vianna@globo.com.br

Entre 1981 e 1996, o artista plástico Luciano Figueiredo dedicou grande parte de seu tempo à obra de Hélio Oiticica (1937-1980). Ao lado do crítico inglês Guy Brett e de outros entusiastas, cuidou dos trabalhos do amigo e fez com que eles se tornassem muito mais conhecidos e valorizados no Brasil e no exterior. De 2003 a 2008, ao aceitar dirigir o Centro de Arte Hélio Oiticica, apesar da penúria financeira imposta pela Prefeitura do Rio, voltou a ter seu nome associado ao criador dos parangolés. Aos 63 anos, chegou a hora, para ele, de não ser visto mais como um apêndice, e sim alguém com carreira própria e relevante.

— Não sentia a obra do Hélio oprimindo o meu trabalho, mas o que o mundo faz disso é incontrolável. Se você aparece seguidas vezes como o curador da obra de Hélio Oiticica, é claro que isso gera uma construção alheia à sua vontade — diz Luciano. — Há quem veja os problemas plásticos do meu trabalho vindo das questões do Hélio, coisa com que, absolutamente, não concordo. Nunca tive propostas ambientais, sensoriais, de objetos para as pessoas tocarem, vivenciarem. Meu trabalho

Dos jornais para o espaço

Mesmo quem acompanha a trajetória de Luciano se surpreenderá com "Espaço laço", a exposição que ele inaugura na próxima quinta-feira, na galeria Lurix, em Botafogo, e retrata esse momento de renovação. Mais conhecido por suas pinturas feitas sobre folhas de jornal, o artista exibirá 31 peças feitas em 2010 e neste ano a partir de aglomerados de telas que ele corta, pinta e a partir dos quais cria dobras que saltam da superfície de 40 cm x 40 cm.

— Gostaria que essa exposição tornasse mais evidente a minha pesquisa em relação a cor e espaço — anseia Luciano, ressaltando que foi de tanto manusear e dobrar jornais que

passou a fazer experiências fora do plano, "uma tridimensionalidade que antes estava ligada ao jornal e passou a ter autonomia". — Estou pesquisando plano, linha, textura, volume, ou seja, matérias da pintura. Sou mais e mais um pintor.

Ao se assumir ligado à contemplação e à pintura, Luciano se dissocia, inevitavelmente, da chamada arte conceitual, que predomina hoje — ao menos na imprensa — almejando interatividades e sem apreço por telas. Ele diz que preferir estar no time dos que tentam conceituar as obras depois de fazê-las, e não antes.

— Muitos artistas hoje se aplicam mais no desenho do projeto do que nos detalhes e

nas especificidades — afirma. — Acho que há uma certa perda de técnica, apesar de tanta tecnologia. Para um pintor, conhecer aspectos da cor leva muito tempo, assim como um músico não pode dominar um instrumento se não praticar tantas horas diárias. Se o conhecimento é periférico, o domínio é periférico.

Quando veio da Bahia para o Rio em 1969, o artista nascido no Ceará foi acolhido por Oiticica, Waly Salomão, Torquato Neto, um grupo que experimentava linguagens e rejeitava formas convencionais.

— Era até pejorativo você se dizer pintor. Ficava imediatamente fora do que poderia se considerar vanguarda — re-

corda Luciano, para quem, apoiado em pensadores como Octavio Paz e Antonio Cicero, as vanguardas já cumpriram o seu papel histórico.

Nos anos 1970, ele realizou cenários para shows — "Fatal", de Gal Costa, entre eles — e capas para discos; participou do histórico número único da revista "Navilouca"; e viveu seis anos em Londres. As experimentações e o mergulho na obra de Hélio não o impediram, a partir da década seguinte, de ratificar a pintura como sua prioridade, além de se afastar da produção coletiva.

— Para mim, a solidão do ateliê é essencial — destaca. — Hélio achava horrível, deplorável e, como tinha perso-

## Recuperação sem informação

Em 16 de outubro de 2009, um incêndio atingiu a sede do Projeto Hélio Oiticica, no Jardim Botânico. Naquela noite, César Oiticica, irmão do artista, estimou a perda em 90% das obras que estavam guardadas na casa. Duas semanas depois, após uma avaliação de técnicos do Ministério da Cultura, a conta mudou: 70% (ou 2.200 peças) estavam salvas ou poderiam ser restauradas.

O trabalho começou a ser feito com R\$ 500 mil do Fundo Nacional de Cultura. Os recursos são públicos, mas as informações, nem tanto. César Oiticica Filho, também responsável pelo Projeto HO, não quis dar ao GLOBO detalhes sobre o processo de recuperação, limitando-se a dizer que não há prazo para ele ser concluído.

— Não dá para apressar. A restauradora Ana Fração disse que não tinha autorização para falar, cabendo somente à família Oiticica dar informações.

O sobrinho de Hélio Oiticica confirmou a destruição quase completa dos parangolés, como já fora noticiado em 2009. Ele acredita

ser possível reconstruir uma parte deles para que sejam vestidos, como queria seu criador, e não apenas observados.

De outros segmentos, os metaesquemas, da década de 1950, foram os mais preservados. Já as invenções, etapa do percurso do artista do plano para a tridimensionalidade, se perderam. De bóldes, relevos, bilaterais e outras linhas, não se sabe hoje o quanto pode ser recuperado.

Luciano Figueiredo diz torcer para que peças sejam restauradas ou refeitas, mas não acredita que a trajetória de Oiticica possa ser vista com a abrangência que já foi:

— Uma retrospectiva como apresentamos aqui e no mundo não é mais possível. Não creio que se refaça só com documentação.

Oiticica foi, em 1959, um dos fundadores do neocretismo, movimento exclusivamente brasileiro que reuniu Lygia Clark, Lygia Pape, Ferreira Gullar e outros. Outro momento marcante de sua trajetória foi a criação de "Tropicália", a obra que inspirou Caetano Veloso a batizar o tropicalismo.

nalidade extravagante, declarava isso como algo a ser abraçado por todos. No entanto, passou sua vida inteira trabalhando em cima de uma prancheta e foi uma das pessoas mais obsessivas que conheci.

Impacto do incêndio

Essa observação do temperamento do amigo o faz lamentar ainda mais o incêndio que, em outubro de 2009, destruiu boa parte da obra de Oiticica, que estava na casa da família, no Jardim Botânico, aos cuidados do irmão e do sobrinho do artista, César Oiticica e César Oiticica Filho.

— Que ironia forte do destino acontecer isso com um artista que tanto trabalhou em vi-

da para organizar sua obra e era tão exigente para ter tudo idealmente guardado. É muito difícil de compreender — diz Luciano, que foi à casa na noite do incêndio ver os estragos e depois preferiu não falar publicamente do assunto. — Fiquei anestesiado pelo que vi. Era muito forte o impacto de pensar que certas obras-chave do Hélio tinham sido levadas pelas chamas. E eu estava preparando uma exposição, não podia me paralisar. Precisava avançar no que é só meu.

A decisão contribuiu para que ele seguisse renovando seus caminhos, do livro-exposição "Sombras" (2010), com poema de Antonio Cicero, ao conjunto inédito de "Espaço laço". ■



LUCIANO FIGUEIREDO diante de trabalhos da exposição "Espaço laço": pinturas tridimensionais